

O 1º regimento do *Língua* da cidade de Macau

Maria Manuela GOMES PAIVA
Doutoranda na Universidade Aberta - Lisboa

Resumen:

A história da tradução em Macau pode ser considerada como uma parte essencial da história da interculturalidade, pois desde o séc. XVI Macau foi um laboratório de misturas de etnias, de confissões religiosas e de línguas, onde a língua portuguesa chegou a ser língua franca até finais do sec. XVIII, princípios do sec. XIX. Desde sempre, Macau e as suas gentes tiveram que inventar estratégias para vencerem as barreiras linguísticas, sociais e culturais, encontrando pessoas especializadas, principalmente nas relações com os chineses. E embora, cada actor cultural e linguístico preservasse o seu posicionamento identitário, a história de Macau apresentou sempre uma utilização de sistemas linguísticos e culturais bastante engenhosos para satisfazerem as necessidades de uma cidade multicultural e de comércio.

"Neste contexto de aprendizagem permanente e normal, emergiu um bi ou multilinguismo gratificante, criando um campo sócio-cultural diferente, mais aberto à comunicação e forjando um espírito e uma maneira de estar na vivência quotidiana, isto é, uma abertura à coligação entre culturas, assente no princípio social da diferença e da tolerância, em contraste com a prática de muitas outras sociedades da Ásia."

Mas as relações com o Celeste Império exigiam, contudo, preparação adequada e não podiam ser improvisadas. A palavra escrita, e fundamentalmente na cultura chinesa, suplanta a oral e por isso, não se podia ficar só pelo engenho do intérprete pontual. Macau constitui o único caso onde a acção do intérprete foi fixada por Regimento, em 1627 – O Regimento do Língua da Cidade, e dos Jurubaças menores e Escrivaens.

Portugueses e Chineses, exprimindo-se em códigos diferentes, constituíram as duas principais comunidades que em território chinês, por razões histórico-culturais, foi necessário aproximar, ao longo de cinco séculos, como ainda hoje o é.